

Cartas de Marx e Engels¹

João Leonardo Medeiros*

Neste ano de 2013, o Niep-Marx lança esta primeira edição de sua Revista, uma primeira edição que, esperamos, abra ao campo marxista, por muito tempo, mais um espaço de reflexão e difusão de conhecimento. Considerando o declarado caráter marxista do grupo e da linha editorial da Revista, seria realmente absurdo se não fizéssemos, nesta primeira edição de nossa Revista, uma justa e sincera homenagem, que contribuísse para a preservação da memória do “fantasma que assombra a cultura contemporânea” – como disse Derrida parafraçando o *Manifesto Comunista*. É este o intuito da publicação das duas cartas que se seguem, cartas estas que compõem a relativamente escassa correspondência dos últimos dois anos da vida de Marx.

A primeira carta, escrita em 15 de dezembro de 1881 por Marx, é endereçada a Friedrich Adolph Sorge, o companheiro de lutas que havia emigrado para os EUA levando consigo a luta comunista e uma seção da Internacional Comunista. Nesta carta, Marx não apenas comunica a Sorge a morte de Jenny, sua esposa (em dois de dezembro de 1881), como comenta sobre a problemática difusão de *O capital* na Inglaterra.² Esta carta é a última correspondência em que Marx reflete sobre o conteúdo de *O capital*.³ A partir daí, aliás, são escassas as referências, de qualquer ordem, à obra, sendo totalmente reduzidas a comentários sobre questões relativas ao lançamento ou relançamento de edições – por exemplo, na última carta em que Marx escreve a Engels, em 10 de janeiro de 1883.

¹ Seleção de João Leonardo Medeiros e Marcelo Badaró Mattos. Tradução de João Leonardo Medeiros.
* Professor da Faculdade de Economia da UFF

² *O capital* só viria a ser publicado em língua inglesa no ano de 1886 – após a morte de Marx, portanto. O silêncio sobre a obra no país em que morava (sem contar a recepção fria na própria Alemanha) perturbou bastante Marx, que tinha a expectativa de que fosse recompensado, também financeiramente, mas principalmente em reconhecimento, seu esforço hercúleo para redigi-la em meio à escassez de recursos e atormentado por sua frágil saúde. [Nota do Tradutor]

³ Esta carta de Marx a Sorge tem um formato estranho. O texto curto da carta, semelhante ao de um bilhete, é sucedido por uma redação mais longa, posterior à assinatura da carta. Em nenhum lugar onde encontramos esta carta publicada há uma explicação para o seu formato, a não ser pela breve indicação, na MEGA, “Printed according to the original” – impresso como no original. Podemos supor que a própria carta de Marx a Sorge tinha uma forma pouco usual (ou seja, de que não se tratou de um problema de edição), com um pós-escrito maior do que o texto – que poderia estar, por exemplo, no verso do bilhete. Se for esse o caso, a carta seria apenas mais um exemplo do caráter informal e desorganizado de muitas correspondências enviadas por Marx a seus amigos mais chegados.

Isso, naturalmente, revela o estado precário de saúde e de ânimo de Marx, ambos muito comprometidos pelo falecimento de sua esposa, em 1881, e de sua primogênita, Jenny Longuet (em 11 de janeiro de 1883). De fato, nos últimos dois anos de vida, Marx viu-se física e mentalmente incapacitado para o trabalho.

A segunda carta que aqui publicamos foi escrita por Engels, também para Friedrich Adolph Sorge, no dia seguinte à morte de Marx. Engels faz um relato da condição de saúde de Marx, que confirma cruamente a sentença final do parágrafo acima. Para além do mero registro biográfico, a car-

ta é reveladora da visão de mundo de Engels (e, certamente, de Marx). Obviamente abalado pela morte do amigo de quatro décadas, Engels evidencia a preocupação em evitar que o acontecimento trágico abalasse o ânimo do movimento proletário. O zelo que teve em vida com o amigo é, portanto, preservado, pois certamente Marx, se pudesse, tentaria evitar que sua morte contribuísse para a desarticulação política da classe trabalhadora.

Nenhuma apresentação é, no entanto, rica o suficiente para substituir o texto das cartas. Interrompamos, portanto, este texto que já se alonga e passemos a elas.

Marx para Friedrich Adolph Sorge em Hoboken⁴

Londres, 15 de dezembro de 1881

Caro Sorge,

Tendo ouvido as notícias daqui pela boca de seu filho, você certamente se preparou para saber da morte de minha esposa, minha inesquecível e amada companheira (em dois de dezembro). Eu mesmo ainda não me recuperei o suficiente para prestar-lhe minhas últimas homenagens. Na verdade, eu fui até agora confinado em casa, mas vou para Ventnor (Ilha de Wight) na próxima semana.

Estou emergindo da minha última doença duplamente incapacitado, emocionalmente pela morte de minha esposa, fisicamente porque fiquei com um espessamento da pleura e com um aumento da sensibilidade dos brônquios.

Eu tenho, infelizmente, de torrar certo tempo em esquemas para melhorar minha saúde.

Outra edição do texto alemão de *O capital*⁵ torna-se agora necessária. A mais inoportuna de que já tive ciência.

Seu Henry George tem crescentemente se revelado um impostor.

Acredito que Sorge Jr. tenha chegado em boa forma; dê-lhe lembranças minhas.

Atenciosamente,

Marx

Os ingleses recentemente começaram a ocupar-se mais com *O capital* etc. Por conseguinte, na edição de outubro passado (ou novembro, não estou certo) da *Contemporary* há um artigo sobre socialismo, de *John Rae*. Muito inadequado, cheio de erros, mas “justo”, como me disse um de meus amigos ingleses antontem. E por que justo?⁶ Porque John Rae *não supõe* que, nos quarenta anos em que venho espalhando minhas teorias perniciosas, tenho sido instigado por “*más*” intenções. “*Seine Grossmut muss ich loben*”.⁷ A justiça de tornar-se ao menos suficientemente conhecedor do objeto de sua crítica parece algo meio desconhecido para os escritores do filistinismo inglês.

⁴ Karl Marx & Frederick Engels. *Collected Works*, V. 46 (1880-1883). New York: International Publishers. 1992, pp. 161-163.

⁵ A terceira edição, editada por Engels apenas em 1883, depois da morte de Marx. [Nota do Tradutor]

⁶ Daqui por diante, a carta está escrita em inglês. [Nota do Tradutor]

⁷ “Eu tenho apreço por sua magnanimidade”. [Nota do Tradutor]

Antes disso, no começo de junho, um pequeno livro foi publicado por um certo Hyndan (que antes intrometeu-se em minha casa): *England for all*. Ele foi escrito com a pretensão de ser uma *exposé* do programa da “*Democratic Federation*” —uma associação recém-formada de sociedades radicais inglesas e escotas, meio burguesas, meio *prolétaires*. Os capítulos sobre Trabalho e Capital são apenas extratos literais, ou perífrases, de *O capital*, mas o sujeito não cita o livro, nem seu autor, embora, para proteger-se de comprometimentos, assinale ao final de seu prefácio: “As ideias e boa parte da matéria contida nos Capítulos II e III devo ao trabalho de um grande pensador e autor original etc. etc.”

Vis-à-vis comigo, o colega escreveu estúpidas cartas de desculpas, por exemplo, [dizendo] que “os ingleses não gostam de ser ensinados por estrangeiros”, que “meu nome era muito detestado etc.” Com tudo isso, seu pequeno livro— na medida em que surrupia *O capital*— faz boa propaganda, embora o homem seja bem limitado e muito longe de ter ao menos a paciência —a primeira condição para aprender alguma coisa— de estudar uma matéria a fundo. Todos aqueles amáveis escritores de classe média —para não falar dos especialistas— têm o ímpeto de fazer dinheiro ou o nome ou capital político *imediatamente* a partir de quaisquer novos pensamentos que possam ter num golpe de sorte favorável. O colega surrupiou-me muitas noites, levando-me por aí, de modo a aprender da maneira mais fácil possível.

Por fim, foi publicado em primeiro de dezembro passado, na revista mensal *Modern Thought* (preciso enviar-lhe uma cópia), um artigo: “Líderes do Pensamento Moderno”; Nº. XXIII – Karl Marx. *Por Ernest Belfort Bax*.

Agora, essa é a primeira publicação inglesa do tipo que é imbuída de um real entusiasmo pelas novas ideias em si e que se ergue corajosamente contra o filistinismo britânico. Isso não impede que as notas biográficas que o autor oferece a meu respeito sejam, em sua maior parte, erradas etc. Na exposição de meus princípios econômicos e em suas traduções (i.e., nas passagens citadas de *O capital*) muita coisa está errada e confusa, mas, apesar disso tudo, a divulgação deste artigo, anunciado em letras garrafais em cartazes no West End de Londres, produziu uma grande sensação. O mais importante para mim é que recebi o referido número da *Modern Thought* ainda em 30 de novembro, de maneira que minha querida esposa ainda pode alegrar-se nos últimos dias de sua vida. Você sabe o interesse entusiasmado que ela dedicava a estes assuntos.

Engels para Friedrich Adolph Sorge em Hoboken⁸

Londres, 15 de março de 1883, 11:45p.m.

Caro Sorge,

Seu telegrama chegou ontem à noite. Obrigado, de coração!

Não foi possível mantê-lo regularmente informado sobre o estado de saúde de Marx porque ele mudava constantemente. Aqui, em suma, estão os fatos principais.

Logo depois da morte de sua esposa, ele teve um ataque de pleurisia, em outubro de 1881. Depois que se recuperou, ele foi mandado para Argel em fevereiro de 1882; o tempo frio e úmido enfrentado na viagem fez com que ele chegasse com outro ataque de pleurisia. O tempo atroz continuou, e, quando teve uma melhora, ele foi enviado para Monte Carlo (Mônaco) para evitar o calor do verão que se aproximava. Ele chegou novamente com um ataque de pleurisia, mais brando desta vez. De novo, tempo abominável. Finalmente curado, ele foi para Argenteuil, perto de Paris, para ficar com sua filha, Mme. Longuet. Ele tomou água sulfurosa nas cercanias de Enghien para a bronquite que o tem acometido há tanto tempo. Novamente, o tempo estava atemorizante, mas o tratamento lhe fez algum bem. Então ele rumou para Vevey por seis semanas e retornou em setembro, parecendo quase totalmente recuperado. Permitiram que ele passasse o inverno na costa sul da Inglaterra. E ele próprio estava tão cansado de perambular sem fazer nada, que outro período de exílio no sul da Europa provavelmente o atingiria mais fortemente o moral tanto quanto o beneficiaria fisicamente. Quando a temporada do *fog* começou em Londres, ele foi enviado para a Ilha de Wight. Estava chovendo ininterruptamente e ele pegou outro resfriado. Schorlemmer e eu estávamos planejando visitá-lo perto do Ano Novo, quando vieram as notícias de que seria necessário que Tussy se juntasse a ele imediatamente. Logo depois veio a morte de Jenny, e ele retornou com outro ataque de bronquite. Depois de tudo o que ele já tinha passado, e na sua idade, isso era perigoso. Uma série de complicações apareceu, particularmente um abscesso no pulmão e uma perda terrivelmente rápida de força. Apesar disso, o quadro geral da doença estava progredindo favoravelmente, e na última sexta-feira o clínico-chefe de plantão, um dos mais proeminentes jovens médicos

⁸ Karl Marx & Frederick Engels. *Collected Works*, V. 46 (1880-1883). New York: International Publishers. 1992, pp. 457-458.

de Londres e especialmente recomendado para ele por Edwin Ray Lankester, nos encheu de esperança por sua recuperação. No entanto, qualquer um que já tenha examinado tecido pulmonar num microscópio sabe quão grande é o risco de rompimento da parede de um vaso sanguíneo num pulmão supurante. E é por essa razão que eu dobrava a esquina da rua todas as manhãs, nas últimas seis semanas, morto de medo de que as cortinas estivessem arriadas. Na tarde de ontem, às 02h30min, a melhor hora para visitá-lo durante o dia, eu encontrei a casa em lágrimas. Parecia que o fim estava próximo. Perguntei o que havia acontecido, tentei me inteirar da questão, para oferecer conforto. Houve uma pequena hemorragia, mas o pulmão rapidamente encharcou. Nossa velha e boa Lenchen, que vinha cuidado dele melhor do que uma mãe cuida de sua criança, subiu e desceu novamente. Ele estava meio-adormecido, disse ela, que me chamou para acompanhá-la. Quando adentramos ao quarto, ele havia adormecido para nunca mais acordar. Seu pulso e sua respiração haviam cessado. Naqueles dois minutos ele faleceu, em paz e sem dor.

Todos os eventos que ocorrem por necessidade natural trazem consigo seu próprio consolo, não importa quão pavorosos sejam. É este o caso. O conhecimento médico poderia proporcionar, para ele, mais alguns anos de existência vegetativa, a vida de um ser impotente —o triunfo da arte clínica— não imediatamente, mas pouco a pouco. Nosso Marx, todavia, jamais suportaria isso. Para viver, com todos seus trabalhos inacabados diante de si, atormentado pelo desejo de completá-los e pela incapacidade de fazê-lo, seria mil vezes mais amargo para ele do que a morte suave que o acometeu. “A morte não é um infortúnio para quem morre, mas para quem sobrevive”, ele costumava dizer, citando Epicuro. E para ver esse grande gênio definhando como uma ruína física em nome da grande glória da medicina e da gozação dos filisteus que ele tão frequentemente reduzia a pó quando estava no auge de sua força —não, é mil vezes melhor deixar como está, mil vezes melhor que nós o conduzamos, depois de amanhã, ao túmulo onde sua esposa descansa.

E após o que aconteceu antes, e aquilo que nem os médicos sabem tanto quanto eu, não havia alternativa, na minha opinião.

Que assim seja. A humanidade encolheu em uma cabeça, a melhor cabeça de nossa era. O movimento do proletariado segue em frente, mas se foi o ponto de apoio em que franceses, russos, americanos e alemães espontaneamente buscavam em momentos decisivos para receber sempre o aconselhamento indisputável e lúcido que só o gênio e o conhecimento consumado das situações poderiam oferecer. Luzes locais e pequenos talentos, para não falar dos impostores, têm agora carta branca. A vitória final permanece certa, mas os desvios, os erros

locais e temporários —inevitáveis em todo caso— ocorrerão com mais frequência. Ora, devemos encarar da seguinte forma: afinal de contas, para que estamos aqui? E estamos longe de perder a coragem por causa disso.

Atenciosamente,
F. Engels

Recebido em agosto de 2013
Aprovado em agosto de 2013